

O ALIENISTA



MACHADO DE ASSIS



O ALIENISTA¹

Machado de Assis



Adaptação

Texto facilitado para incentivo à leitura



1 Médico especializado no tratamento de doentes mentais, o mesmo que psiquiatra.

CAPÍTULO I



DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES¹

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que, em tempos remotos, viveu ali um médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho de nobres e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e da Espanha. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos, regressou ao Brasil, uma vez que o rei não conseguiu fazer com que ficasse em Coimbra, dirigindo a universidade, ou, em Lisboa, cuidando dos negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu único emprego. Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, mudou-se para Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras. Aos quarenta anos, casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz, nem bonita, nem simpática. Um dos tios dele, extremamente

1 Casa de Orates, casa de doidos, manicômio.

franco, admirou-se da escolha. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia características fisiológicas e anatômicas de primeira ordem: digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista. Estava, assim, apta a dar-lhe filhos robustos, saudáveis e inteligentes. Se, além dessas qualidades – que eram as únicas dignas da preocupação de um sábio – D. Evarista era realmente feiosa, longe de ficar reclamando disso, Dr. Simão agradecia a Deus, já que assim não corria o risco de deixar de lado os interesses da ciência para se entreter unicamente admirando a esposa.

D. Evarista frustrou as esperanças do Dr. Bacamarte. Não lhe deu filhos nem saudáveis nem fracos. A índole natural da ciência é a aceitação. O nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao fim desse tempo, fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs e acabou por indicar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, que deveria se alimentar exclusivamente com a carne de porco de Itaguaí, não atendeu aos conselhos do esposo. E, à sua teimosia – explicável, mas inqualificável – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o dom de curar todas as mágoas. O nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi, então, que algo lhe chamou a atenção: o recanto psíquico, o exame das doenças do cérebro. Não havia na colônia nem no reino uma só autoridade nesta matéria, tão mal explorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência portuguesa, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “glória imorredoura”, expressão usada por ele mesmo, na intimidade doméstica. Exteriormente era modesto, como convém aos sábios.

– A saúde da alma, exclamou, é a ocupação mais digna do médico.

– Do verdadeiro médico, completou Crispim Soares, farmacêutico da vila, e um dos seus amigos mais chegados.

Os políticos de Itaguaí tinham, entre outros pecados, o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em um quarto, na própria casa, e não curado, mas descuidado, até a morte. Os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte quis desde logo acabar com esse péssimo costume. Pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar, no edifício que ia construir, todos os loucos de Itaguaí e das outras vilas e cidades, mediante uma remuneração, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo não pudesse arcar com essa despesa. A proposta despertou a curiosidade de toda a vila, mas encontrou grande resistência, já que dificilmente se abandonam hábitos absurdos, mesmo que maus. A ideia de colocar os loucos numa mesma casa, vivendo em comum, pareceu sinal de loucura, e não faltou quem insinuasse isso à própria mulher do médico.

– Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, prejudica o juízo.

D. Evarista ficou aterrorizada, foi falar com o marido, disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de ir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com sua rara esperteza, percebeu a intenção da esposa e respondeu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à Câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanto entusiasmo, que a maioria resolveu autorizá-lo, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a custear o tratamento, alojamento e sustento dos doidos

pobres. Mas não foi fácil encontrar o que tributar, uma vez que já havia impostos sobre tudo em Itaguaí. E, depois de longos estudos, foi decidido permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse enfeitar os cavalos de um carro fúnebre pagaria dois tostões à Câmara, repetindo-se esta quantia conforme as horas decorridas entre o momento do falecimento e a última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos do rendimento possível da nova taxa. E um dos vereadores, que não acreditava na proposta do médico, pediu que se dispensasse o escrivão de um trabalho tão inútil.

– Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Onde já se viu meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranjou tudo. Uma vez de posse da licença, começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas de cada lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como era grande especialista em cultura árabe, descobriu no Corão que Maomé declara os doidos dignos de veneração, já que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia lhe pareceu tão bonita e profunda que ele fez com que a escrevessem no frontispício da casa. Entretanto, como temia o vigário, e, por tabela, o bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa mentira piedosa que o padre Lopes lhe contasse, durante o almoço, a vida daquele importante papa.

O asilo foi chamado de Casa Verde, em alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Foi inaugurado com grande pompa. De todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro,

correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam internados e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestiu-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ela foi a verdadeira rainha naqueles dias memoráveis. Ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados daquele tempo. E não apenas a cortejavam como a aplaudiam, já que – e este fato era um documento altamente honroso para a sociedade daquele tempo – viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um homem ilustre, e, se sentiam inveja dela, era a santa e nobre inveja dos admiradores.

Ao fim de sete dias acabaram-se as comemorações. Itaguaí tinha finalmente uma casa de loucos.



CAPÍTULO II



TORRENTES DE LOUCOS

Três dias depois, numa confissão íntima ao farmacêutico Crispim Soares, o alienista desvendou o mistério do seu coração.

– A caridade, Sr. Soares, com certeza faz parte no meu modo de agir, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”. O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar os casos, descobrir, enfim, a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

– Um excelente serviço, corrigiu o farmacêutico.

– Sem este asilo, continuou o médico, pouco poderia fazer; ele me dá, entretanto, muito maior campo aos meus estudos.

– Muito maior, acrescentou o outro.

E tinha razão. Loucos de todas as vilas e arraiais vizinhos

chegavam à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram obsessivos, eram todos os tipos de deserddados do espírito. Ao fim de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos. Foi preciso anexar uma galeria de mais trinta e sete. O padre Lopes confessou que não imaginara que havia tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um deles, por exemplo, um rapaz bronco e rústico, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso, enfeitado de frases em grego e latim, e citações de Cícero, Apuleio e Tertuliano¹. O vigário não queria acreditar. O quê? Um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

– Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

– Quanto a mim, respondeu o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na Torre de Babel, segundo nos conta a Bíblia. Se as línguas já foram confundidas uma vez antigamente, deve ser fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

– Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenómeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso eu trato...

– Tomara que sim, e fico ansioso. Realmente!

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, achava que era a Estrela-d'alva, abria os braços e afastava as pernas, para dar-lhes certa aparência de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o Sol já tinha saído para ele se recolher. O outro andava sempre, sempre, sempre, pelas salas ou pelo pátio, ao longo dos corredores, à procura do

1 Escritores romanos.

fim do mundo. Era um coitado, abandonado pela mulher. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu em busca dos amantes. Encontrou-os duas horas depois, de frente a uma lagoa, matou a ambos com os maiores requintes de crueldade.

O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um vendedor ambulante, que contava para as paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

– Deus gerou um ovo, o ovo gerou a espada, a espada gerou Davi, Davi gerou a púrpura, a púrpura gerou o duque, o duque gerou o marquês, o marquês gerou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

– Deus gerou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma espécie era um escrivão, que se passava por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas para todo mundo, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de obsessão religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros. E, depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a pronunciar uma só palavra todas as estrelas cairiam do céu e queimariam a terra, tal era o poder que recebera de Deus.

Na verdade, a paciência do médico era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; sim-

plesmente assombrosa. Simão Bacamarte começou organizando o pessoal da administração. Convencendo o farmacêutico Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, que foram encarregados da execução de um regimento, aprovado pela Câmara, da distribuição da comida e da roupa, e assim também da escrita, etc. Era o melhor que podia fazer, para somente cuidar do seu trabalho.

– A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo espiritual. E o padre Lopes ria deste afirmação ingênua, e acrescentava, com o único fim de dizer também uma zombaria:

– Deixe estar, deixe estar, que um dia eu ainda mando lhe denunciar ao papa.

Uma vez livre da administração, o alienista realizou uma vasta classificação dos seus doentes. Dividiu-os, primeiramente, em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, manias, delírios e alucinações diversas.

Depois, começou um estudo exaustivo e contínuo: analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências. Perguntava sobre a vida dos doentes, profissão, costumes, circunstâncias do aparecimento da doença, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma investigação, enfim, como não a faria o mais cuidadoso detetive. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo, estudava a melhor dieta, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham dos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, graças à sua inteligência e paciência. Ora,

todo esse trabalho tomava-lhe o melhor e a maior parte do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora estudava um texto antigo, ora se dedicava a uma questão, e muitas vezes ia do início ao fim do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista.



CAPÍTULO 3



DEUS SABE O QUE FAZ!

A ilustre dama, no fim de dois meses, considerou-se a mais desgraçada das mulheres e caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou censura, porque o respeitava como seu marido e senhor, mas sofria calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, quando o marido lhe perguntou o que é que tinha, respondeu tristemente que não era nada. Depois atreveu-se um pouco, ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como era antes. E acrescentou:

– Quem diria que meia dúzia de lunáticos...

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como a aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que fizera no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não se sabe se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou,

pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas esse pensamento é possível. Em todo caso, o alienista não achou que foi esta a intenção de sua esposa. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer chateado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor ruga veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. Talvez um sorriso lhe descerrasse os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do Cântico:

– Permito que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

D. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca vira o Rio de Janeiro, que, embora não fosse sequer uma pálida sombra do que é hoje, era alguma coisa mais do que Itaguaí. Ver o Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do judeu cativo. Agora, principalmente, que o marido resolvera morar de vez naquela povoação interior, agora é que ela perdera as últimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade. E justamente agora é que ele a convidava a realizar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde disfarçar o entusiasmo pela proposta. Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu, um sorriso um tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: “Não há remédio certo para as dores da alma. Esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se”. E, porque era homem estudioso, tomou nota da observação.

Mas uma flecha atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto. Limitou-se a dizer ao marido que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.

– Irá com sua tia, respondeu o alienista.

Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo. Mas

não quisera pedir nem insinuar: em primeiro lugar, porque traria grandes despesas ao marido; em segundo lugar, porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.

– Oh! Mas o dinheiro que precisaremos gastar! Suspirou D. Evarista, sem muita certeza do que estava dizendo.

– Que importa? Estamos ganhando muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver? E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma Via Láctea de números. E depois a levou até as arcas, onde estava o dinheiro.

Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões: era a opulência. Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais desleal das indiretas:

– Quem diria que meia dúzia de malucos...

D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

– Deus sabe o que faz!

Três meses depois, realizava-se a viagem. D. Evarista, a tia, a mulher do farmacêutico, um sobrinho deste, um padre que o médico conhecera em Lisboa, e que por acaso passava por Itaguaí, cinco ou seis pajens, quatro mucamas. Tal foi a comitiva que a população viu dali sair em certa manhã do mês de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Ainda que as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. Homem de ciência, e só de ciência, nada o comovia fora da ciência. E, se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era nada mais do que a ideia de que algum demente podia estar ali misturado com a gente de juízo.

– Adeus! Soluçaram, enfim, as damas e o farmacêutico.

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao voltar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da mula em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem viva do gênio e do indivíduo comum! Um olha para o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro investiga o futuro com todas as suas auras.



CAPÍTULO 4



UMA TEORIA NOVA

Enquanto D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, que poderia aumentar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e pontuando as falas com um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã – passadas três semanas – estando Crispim Soares ocupado em preparar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

– Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.

Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma notícia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este assunto deve ficar claramente definido, uma vez que os cronistas insistem nele: Crispim amava a mulher e, desde trinta

anos, nunca haviam estado separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os empregados lhe ouviam muitas vezes: “Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, infame bajulador! Só para agradar ao Dr. Bacamarte. Pois agora, aguenta-te; anda, aguenta-te, alma de lacaio, fraco, vil, miserável. Dizes amém a tudo, não é? Aí tens o lucro, canalha!” E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria revestida de prudência até o pescoço.

– Estou muito contente, disse ele.

– Notícias do nosso povo? Perguntou o farmacêutico com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico e respondeu:

– Trata-se de coisa mais importante, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, que até agora era uma ilha perdida no oceano da razão, começo a suspeitar que seja um continente.

Disse isto, e calou-se, para dar tempo ao farmacêutico de superar seu espanto. Depois, explicou detalhadamente a sua ideia. No conceito dele, a loucura atingia muitos e muitos cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Achou os exemplos na história e em Itaguaí, mas, como raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar to-

dos os casos de Itaguaí e refugiou-se na História. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres: Sócrates, que tinha um demônio familiar; Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc., uma sequência de casos e pessoas, em que vinham misturadas entidades odiosas e entidades ridículas. E, porque o farmacêutico se admirasse de tal confusão, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, e até acrescentou sentenciosamente:

– A ferocidade, Sr. Soares, é o ridículo a sério.

– Gracioso, muito gracioso! Exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

De quando em quando, tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, – um remédio para febres recorrentes, umas terras boas para a lavoura, um soneto, um donativo para a igreja, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública. Mas era conservado pela grande força de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores – aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde – desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos. Ele nunca domesticara um só desses bichos, mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E, dizem as crônicas, que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador. Afirmação perfeitamente falsa, devida apenas à absoluta confiança no sistema da matraca. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regime mereciam o desprezo da nossa época.

– Melhor do que anunciar a minha ideia é praticá-la, respondeu o médico à insinuação do farmacêutico.

E o farmacêutico, não discordando muito deste modo de

ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

– Sempre haverá tempo de a divulgar com a matraca, concluiu ele. Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

– Imagino o espírito humano como uma grande concha. O meu objetivo, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão. Em outras palavras, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí, loucura, loucura e só loucura.

O vigário Lopes, a quem ele contou a nova teoria, declarou claramente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era tão gigantesca e trabalhosa que não merecia ser posta em prática.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

Sobre o lábio fino e discreto do alienista surgiu a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desprezo vinha casado com a compaixão; mas nenhuma palavra saiu de suas notáveis entranhas.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia com tal segurança que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução.

CAPÍTULO 5



O TERROR

Quatro dias depois, a população de Itaguaí ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

– Impossível!

– Como impossível? Foi recolhido hoje de manhã.

– Mas, na verdade, ele não merecia... Ainda por cima! Depois de tanto que ele fez... Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda do rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver “até o fim do mundo”. Tão logo recebeu a herança, passou a dividi-la em empréstimos, sem juros, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Se a miséria viesse de repente, o espanto de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar. Ele foi passando da riqueza à fartura, da fartura à classe média, da classe média à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Ao final daqueles cinco anos,

pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que ele aparecia no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com intimidade, davam-lhe pancadinhas no nariz, diziam-lhe gracejos. E o Costa, sempre gentil, risonho. Nem percebia que os menos corteses eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto. Ao contrário, parece que os acolhia com maior prazer, com aceitação. Um dia, quando um desses devedores lhe fez uma brincadeira sem graça, e ele se riu dela, um ingrato observou, com certa deslealdade: “Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga”. Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a dívida. “Não admira, retorquiu o outro; o Costa abriu mão de uma estrela, que está no céu”. Costa era inteligente, entendeu que ele negava todo o merecimento ao ato, atribuindo-lhe a intenção de rejeitar o que não vinham colocar-lhe nos bolsos. Era também recatado e inventivo; duas horas depois achou um meio de provar que lhe não cabia tal rótulo: pegou de algum dinheiro, e mandou-o de empréstimo ao devedor. “Agora espero que...” Pensou ele, sem concluir a frase.

Esse último gesto do Costa persuadiu a crédulos e incrédulos; ninguém mais pôs em dúvida os sentimentos cavalheirescos daquele digno cidadão. As necessidades mais acanhadas saíram à rua, vieram bater-lhe à porta, com os seus chinelos velhos, com as suas capas remendadas. Um verme, entretanto, roía a alma do Costa: era o conceito do desafeto. Mas isso mesmo acabou; três meses depois, veio este pedir-lhe uns cento e vinte cruzados com promessa de pagar daí a dois dias. Era um restinho da grande herança, mas era também uma nobre desforra: Costa emprestou o dinheiro logo, logo, e sem juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco meses depois era recolhido à Casa Verde.

Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Costa enlou-

quecera, no almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. Alguns foram falar com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não podia deixar na rua um louco. A última pessoa que intercedeu por ele (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilíbrio das faculdades mentais, tendo em vista do modo como gastou a fortuna que...

– Isso, não! Isso, não! Interrompeu a boa senhora com energia. Se ele gastou tão depressa o que recebeu, a culpa não é dele.

– Não?

– Não, senhor. Eu lhe digo como o negócio se passou. O defunto meu tio não era mau homem; mas, quando estava furioso, era capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubara um boi. Imagine como ficou.

A cara era um pimentão; todo ele tremia, a boca espumava; lembro-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio (Deus lhe fale na alma!) respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: “Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o *sino-salamão*! E mostrou o *sino-salamão* impresso no braço.

Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquele maldito.

Bacamarte olhava para a pobre senhora com um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir falar com o primo. A pobre mulher acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados.

A notícia desta deslealdade do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria crer que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros. Edificou-se um romance, galanteios que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras coisas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar.

– Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo...

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos atônitos, era para ele uma consagração pública. Não havia como duvidar; toda a povoação sabia enfim que a pessoa mais íntima do alienista era ele, Crispim, o boticário, o colaborador do grande homem e das grandes coisas; daí a corrida à farmácia. Tudo isso dizia o rosto alegre e o riso discreto do farmacêutico, o riso e o silêncio, porque ele não respondia nada. Um, dois, três monossílabos, quando muito, soltos, secos, encapados no fiel sorriso constante e miúdo, cheio de mistérios

científicos, que ele não podia, sem desonra nem perigo, desvendar a ninguém.

– “Aí tem coisa”, pensavam os mais desconfiados.

Um desses limitou-se a pensá-lo, deu de ombros e foi embora. Tinha negócios pessoais a tratar. Acabara de construir uma casa suntuosa. Só a casa bastava para chamar a atenção de todos, mas havia mais: a mobília, que ele mandara vir da Hungria e da Holanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janelas viviam abertas, e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera na fabricação de selas para animais de carga, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnífica, jardim pomposo, mobília rara. Não deixou o negócio das selas, mas descansava dele na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguaí, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da Câmara. Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se falava, ou se louvava a casa do seleiro, um simples fabricante de selas, Deus do céu!

– Lá está ele embasbacado, diziam, de manhã, os que por ali passavam.

De manhã, realmente, era costume do Mateus colocar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, enamorado, durante uma longa hora, até que vinham chamá-lo para almoçar. Os vizinhos, embora o cumprimentassem com certo respeito, riam-se por trás dele que dava gosto. Um desses chegou a dizer que o Mateus seria muito mais econômico, e estaria riquíssimo, se fabricasse as selas para si mesmo. Piada difícil de entender, mas da qual todo mundo ria à toa.

– Agora lá está o Mateus a ser contemplado, diziam à tarde.

A razão deste outro dito era que, de tarde, justamente

quando as famílias saíam a passeio (jantavam cedo), o Mateus aparecia na janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas a três horas até que anoitecia completamente. Pode acreditar que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, embora ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao farmacêutico, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos. E, entretanto, não foi outra a alegação do farmacêutico, quando o alienista lhe disse que o seleiro talvez padecesse do amor pelas pedras, mania que ele, Bacamarte, descobrira e estudava desde algum tempo. Aquilo de contemplar a casa...

– Não, senhor! Acudiu vivamente Crispim Soares.

– Não?

– Há de perdoar-me, mas talvez não saiba que ele de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os outros que o admiram a ele e à obra. E contou os costumes do seleiro, todas as tardes, desde cedo até o cair da noite.

Uma curiosidade científica iluminou os olhos de Simão Bacamarte. Ou ele não conhecia todos os costumes do fazedor de selas, ou nada mais quis, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma notícia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfez; mas como tinha as alegrias próprias de um sábio, concentradas, nada viu o farmacêutico que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrário, era de tarde, e o alienista pediu-lhe o braço para irem passear. Deus! Era a primeira vez que Simão Bacamarte dava ao seu íntimo tamanha honra. Crispim ficou trêmulo, desorientado, disse que sim, que estava pronto. Chegaram duas ou três pessoas de fora, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atrasavam o passeio, como podia acontecer que Bacamarte escolhesse alguma delas, para acompanhá-lo, e o

dispensasse a ele. Que impaciência! Que aflição! Enfim, saíram. O alienista guiou para os lados da casa do seleiro, viu-o à janela, passou cinco, seis vezes diante da casa, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus tão logo notou que era objeto da curiosidade ou admiração do homem mais importante de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes... Triste! Triste! Não fez mais do que se condenar. No dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde.

– A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica.

Nunca uma opinião pegou e se espalhou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí. Com medo, é verdade, porque, durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, duas ou três importantes, foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Surgiam as versões populares para tanto. Vingança, cobiça por dinheiro, castigo de Deus, obsessão do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer germe de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e míngua daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública.

Nisto, chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a comitiva – ou quase toda – que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebê-la, com o farmacêutico, o padre Lopes, os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos no marido é considerado pelos cronistas da época como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste

das duas naturezas, ambas extremas, ambas distintas. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra e atirou-se ao marido, de um gesto que não se pode melhor definir do que o comparando a uma mistura de onça e rolinha. O mesmo não aconteceu com o ilustre Bacamarte; frio como um diagnóstico, sem sair por um instante da rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos, D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos e o cortejo punha-se em marcha.

D. Evarista era a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para diminuir o flagelo da Casa Verde. Daí os aplausos públicos, a grande quantidade de pessoas que entupia as ruas, as flâmulas, as flores e tapetes nas janelas. Com o braço apoiado no do padre Lopes – porque o ilustre Bacamarte confiara a mulher ao vigário, e acompanhava-os a passo meditativo – D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigário perguntava sobre o Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice-reinado anterior. D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a coisa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público estava acabado, um paraíso onde ela fora muitas vezes, e a Rua das Belas Noites, o Chafariz das Marrecas... Ah! O Chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas – feitas de metal e despejando água pela boca. Uma coisa elegantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. Não é de se admirar, maior do que Itaguaí, e, além do mais, sede do governo... Mas não se pode dizer que Itaguaí fosse feia; tinha belas casas, a casa do Mateus, a Casa Verde...

– A propósito de Casa Verde, disse o padre Lopes escoregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vai achá-la muito cheia de gente.

– Sim?

– É verdade. Lá está o Mateus...

– O seleiro?

– O seleiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sicrano, e...

– Tudo isso doido?

– Ou quase doido, ponderou o padre.

– Mas então?

O vigário curvou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada ou não quer dizer tudo; resposta vaga. D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente tivesse ficado louca; um ou outro, vá lá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.

– Sem dúvida... Sem dúvida... Ia pontuando o vigário.

Três horas depois, cerca de cinquenta convidados sentavam-se à mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assunto obrigatório dos brindes, discursos, versos de todos os tipos, metáforas, amplificações, fábulas. Ela era a esposa do novo Hipócrates, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação. Trazia nos olhos duas estrelas, segundo a versão modesta de Crispim Soares, e dois sóis, no conceito de um vereador. O alienista ouvia essas coisas um tanto entediado, mas sem demonstrar impaciência. Quando muito, dizia ao ouvido da mulher, que a oratória permitia tais ousadias sem significação. D. Evarista fazia esforços para aderir a esta opinião do marido; mas, ainda descontando três quartos dos elogios, ficava com muito a inflar a alma. Um dos oradores, por exemplo, Martim Brito, rapaz de vinte e cinco anos, galanteador formado, calejado de namoros e aventuras, declamou um discurso em que

o nascimento de D. Evarista era explicado pela mais singular das declamações. “Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa), Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista.”

D. Evarista baixou os olhos com exemplar modéstia. Duas senhoras, achando os galanteios excessivos e audaciosos, interrogaram os olhos do dono da casa. Na verdade, o gesto do alienista pareceu-lhes nublado de suspeitas, de ameaças e, provavelmente, de sangue. O atrevimento foi grande, pensaram as duas damas. E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episódio trágico, ou que o adiasse, ao menos, para o dia seguinte. Sim, que o adiasse. Uma delas, a mais piedosa, chegou a admitir, consigo mesma, que D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser atraente ou bonita. Uma simples água-morna. Verdade é que, se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo? Esta ideia fê-la tremer outra vez, embora menos. Menos, porque o alienista sorria agora para o Martim Brito e, todos tendo se levantado, foi até ele e falou-lhe do discurso. Não lhe negou que era um improviso brilhante, cheio de trechos magníficos. Seria dele mesmo a ideia relativa ao nascimento de D. Evarista ou ele a teria encontrado em algum autor que? Não senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e parecera-lhe adequada a um impulso. De resto, suas ideias eram mais arrojadas do que ternas ou cômicas. Estavam mais para o épico.

Uma vez, por exemplo, compôs um poema à queda do Marquês de Pombal, em que dizia que esse ministro era o “dragão asperíssimo do Nada”, esmagado pelas “garras vingadoras do Todo”; e assim outras mais ou menos fora do comum. Gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres...

“Pobre moço!” Pensou o alienista. E continuou consigo: “Trata-se de um caso de lesão cerebral; fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...”.

D. Evarista ficou estupefata quando soube, três dias depois, que o Martim Brito havia sido internado na Casa Verde. Um moço que tinha ideias tão bonitas! As duas senhoras atribuíram o ato a ciúmes do alienista. Não podia ser outra coisa; realmente, a declaração do moço fora audaciosa demais.

Ciúmes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem internados José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das Cambraias, conhecido brincalhão, o escrivão Fabrício e ainda outros? O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente, o terror. Quem podia, emigrava. Um desses fugitivos chegou a ser preso a duzentos passos da vila. Era um rapaz de trinta anos, amável, de boa conversa, educado, tão educado que não cumprimentava alguém sem tirar o chapéu; na rua, acontecia-lhe correr uma distancia de dez a cinquenta metros para ir apertar a mão a um homem sério, a uma senhora, às vezes a um menino, como acontecera ao filho do juiz. Tinha a vocação das cortesias. De resto, devia as boas relações da sociedade, não só aos dotes pessoais, que eram raros, como à nobre persistência com que nunca desanimava diante de uma, duas, quatro, seis recusas, caras feias, etc. O que acontecia era que, uma vez entrado numa casa, não a deixava mais, nem os da casa o deixavam a ele, tão gracioso era o Gil Bernardes. Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia que o alienista estava de olho nele. Na madru-

gada seguinte fugiu da vila, mas foi logo apanhado e conduzido à Casa Verde.

- Devemos acabar com isto!
- Não pode continuar!
- Abaixo a tirania!
- Tirano! Violento! Golias!

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa, mas não demorava a hora dos gritos. O terror crescia. Avizinhava-se a rebelião. A ideia de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro Porfírio a expusesse na loja, com grandes gestos de indignação. Note-se – e essa é uma das páginas mais puras desta sombria história – que o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a se povoar tão extraordinariamente, viu seus lucros crescerem pela aplicação assídua de sanguessugas² que lhe pediam da Casa Verde; mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava:

– É preciso derrubar o tirano! Note-se que ele soltou esse grito justamente no dia em que Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que tinha com ele uma questão a resolver, o Coelho.

– Não me dirão em que é que o Coelho é doido? Bradou o Porfírio.

E ninguém lhe respondia; todos repetiam que era um homem perfeitamente ajuizado. A mesma questão que ele trazia com o barbeiro, acerca de uns terrenos da vila, era filha da obscuridade de um alvará e não da cobiça ou ódio. O Coelho tinha excelente caráter. Os únicos desafetos que tinha eram alguns sujei-

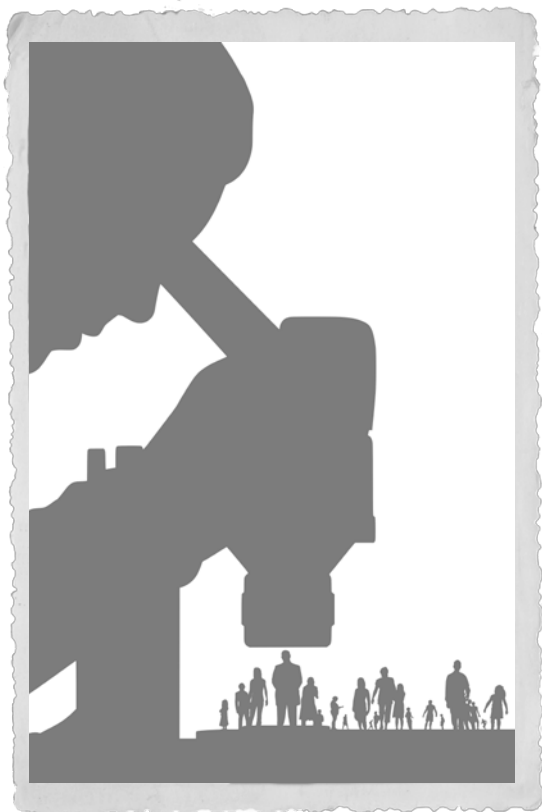
2 Animais sugadores de sangue dotados de uma ventosa anterior e outra posterior, muito usados no passado no tratamento médico para promover sangrias.

tos que, dizendo-se mal-humorados, ou alegando pressa, mal o viam, dobravam as esquinas, entravam nas lojas, etc. Na verdade, ele amava a boa conversa, a conversa comprida, aproveitada aos poucos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando dos outros. O padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

La bocca sollevò dal fiero pasto

Quel “seccatore”...

Mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim.



CAPÍTULO 6



A REBELIÃO

Cerca de trinta pessoas reuniram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara.

A Câmara recusou-se a aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser alterada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

– Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um tirano; que muitas pessoas estimáveis, e algumas distintas, outras humildes, mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que a tirania científica do alienista era motivada pela ganância, visto que os loucos, ou supostos, não eram tratados de graça: as famílias, e,

em falta delas, a Câmara, pagavam ao alienista...

– É falso! Interrompeu o presidente.

– Falso?

– Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do pagamento votado pela Câmara, bem como nada receberá das famílias dos doentes.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, surpreendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente, o alienista podia estar errado, mas nenhum interesse além da ciência o motivava. E para demonstrar o erro era preciso alguma coisa mais do que arruaças e protestos. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a Câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que tinha a aprovação do público e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde – “essa Bastilha da razão humana” – expressão que ouvira de um poeta local e que ele repetiu com muita ênfase. Disse isso, e a um sinal todos saíram com ele.

Imagine-se a situação dos vereadores; era urgente evitar a aglomeração, a rebelião, a luta, o sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – “Bastilha da razão humana” – achou-a tão elegante que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde. E porque o presidente, indignado, manifestasse em termos enérgicos o seu espanto, o vereador fez esta reflexão:

– Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em quem supomos juízo são presos como dementes, quem nos garante que o louco não é o alienista?

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da

palavra e falou ainda por algum tempo com prudência, mas com firmeza. Os colegas estavam chocados; o presidente pediu-lhe que, ao menos, desse o exemplo da ordem e do respeito à lei, não falasse sobre suas ideias na rua, para não dar corpo e alma à rebelião, que era por ora um turbilhão de átomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o efeito da outra: Sebastião Freitas prometeu suspender qualquer ação reservando-se o direito de pedir pelos meios legais a redução da Casa Verde. E repetia consigo, apaixonado: “Bastilha da razão humana”!

Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cujo apelido familiar deve ser mencionado, porque ele deu o nome à revolta; chamavam-lhe o *Canjica*, e o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas. A ação podia ser restrita, visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde – dada a diferença de Paris a Itaguaí – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda – um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro – e não quis acreditar.

– Há de ser alguma baderna, dizia ela, mudando a posição de um alfinete. Benedita, veja se a barra está boa.

– Está, sinhá, respondia a mucama de cócoras no chão, está boa. Sinhá, vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.

Não é baderna, não, senhora; eles estão gritando: Morra o Dr. Bacamarte!!! O tirano! Dizia o moleque assustado.

– Cala a boca, bobo! Benedita, olha aí do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim...

– Morra o Dr. Bacamarte!!! Morra o tirano! Uivaram fora trezentas vozes. Era a rebelião que desembocava na Rua Nova.

D. Evarista ficou sem um pinga de sangue. No primeiro instante, não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instintivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve um instante de triunfo súbito, um certo movimento repentino, imperceptível, íntimo, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha confirmar o que ele dissera.

– Morra o alienista! Bradavam as vozes mais perto.

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia enfrentar os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico analisava um texto de Averróis³; os olhos dele, embaçados pela meditação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção. À terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

– Você não ouve estes gritos? Perguntou a digna esposa, em lágrimas.

O alienista atendeu então. Os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores. Ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranquilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume rompesse um pouco a continuidade dos dois livros contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante. Depois, disse à mulher que se recolhesse, que não fizesse nada.

3 Médico e filósofo hispano-árabe

– Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte. E ainda que o fosse, intimava-lhe, em nome da vida, que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa.

– Abaixo a Casa Verde! Gritavam os Canjicas.

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou ali no momento em que a rebelião também chegava e parava, de frente, com as suas trezentas cabeças cintilantes de civismo e sombrias de desespero. Morra! Morra! Gritaram de todos os lados, assim que o vulto do alienista apareceu na varanda. Simão Bacamarte fez um sinal pedindo para falar. Os revoltosos cobriram-lhe a voz com gritos de indignação. Então, o barbeiro, agitando o chapéu, para impor silêncio à multidão, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia falar, mas acrescentou que não abusasse da paciência do povo como fizera até então.

– Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que querem.

– Não pedimos nada, respondeu trêmulo o barbeiro. Ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou, pelo menos, despojada dos infelizes que lá estão.

– Não entendo.

– Entendeis bem, tirano; queremos dar liberdade às vítimas do vosso ódio, capricho, ganância...

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão. Era uma contração leve de dois ou três músculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

– Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis modificar a

administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos. Entretanto, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, representantes dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos. Não o faço porque seria dar-vos explicação do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.

O alienista disse isto, e a multidão ficou atônita. Era claro que não esperava tanta energia e, menos ainda, tamanha serenidade. Mas, o assombro cresceu ainda mais quando o alienista, cumprimentando a multidão com muita seriedade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro. O barbeiro logo voltou a si e, agitando o chapéu, convidou os amigos à demolição da Casa Verde. Poucas e frouxas vozes lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo. Pareceu-lhe então que, demolindo a Casa Verde e derrubando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se da Câmara, dominar as demais autoridades e tornar-se senhor de Itaguaí. Há alguns anos que ele se esforçava por ver o seu nome incluído nos postes para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compatível com tão grande cargo. A ocasião era agora ou nunca. Além disso, fora tão longe na arruaça que a derrota significaria a prisão, talvez a força, ou o exílio. Infelizmente, a resposta do alienista diminuía o furor dos aliados. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação, e quis gritar-lhes: Canalhas! Covardes! Mas conteve-se e retomou a situação deste modo:

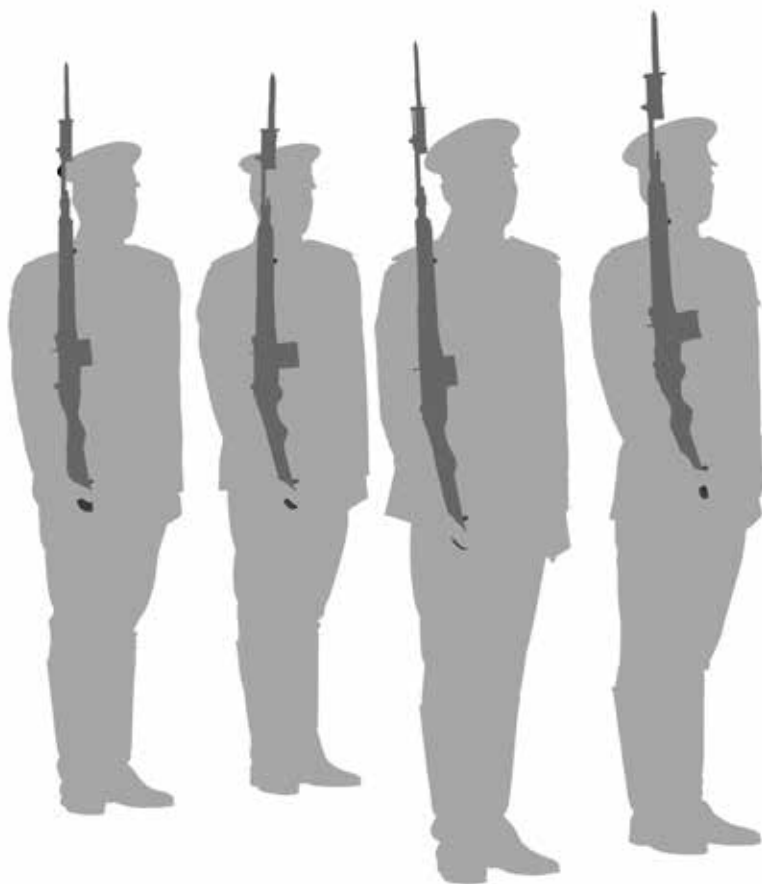
– Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno.

E a multidão agitou-se, murmurou, protestou, ameaçou, congregou-se toda em torno do barbeiro. Era a revolta que tornava a si depois do ligeiro enfraquecimento e ameaçava arrasar a Casa Verde.

– Vamos! Gritou Porfirio, agitando o chapéu.

– Vamos! Repetiram todos.

Deteve-os um incidente: era um corpo de soldados que, marchando, entrava na Rua Nova.



CAPÍTULO 7



O INESPERADO

Assim que os soldados chegaram em frente aos Canjicas, houve um instante de estupefação: os Canjicas não queriam acreditar que a força pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro compreendeu tudo e esperou. Os soldados pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse. Mas, enquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos:

– Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres. Não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e, com eles, a salvação de Itaguaí.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro. E nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança em que os soldados não usariam armas; confiança que o capitão dissipou logo, mandando disparar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou

furiosa; alguns, trepando nas janelas das casas ou correndo pela rua afora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou, bufando de raiva, indignada, animada pelo estímulo do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente quando um terço dos soldados – não se sabe por qual motivo – passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma nova aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desânimo sobre as fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e, um a um, foram passando para o lado deles, de modo que, ao fim de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado, com pouca gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro.

A revolução triunfante não perdeu um só minuto. Recolheu os feridos às casas próximas e dirigiu-se para a Câmara. Povo e tropa confraternizavam, davam vivas ao rei, ao vice-rei, a Itaguaí, ao “ilustre Porfírio”. Este ia à frente, empunhando tão habilmente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória dava-lhe ao rosto um ar misterioso. A dignidade de governo começava a enrijecer-lhe os quadris.

Os vereadores, às janelas, vendo a multidão e a tropa, relataram que a tropa capturara a multidão, e, sem mais exame, entraram e votaram uma petição ao vice-rei para que mandasse dar um mês de soldo aos soldados, “cuja devoção salvou Itaguaí do abismo a que a tinha lançado um grupo de rebeldes”. Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas. Mas bem depressa a ilusão se desfez. Os “vivas” ao barbeiro, os xingamentos aos vereadores e ao alienista de mostraram a triste realidade. O presidente não desanimou:

– Qualquer que seja a nossa sorte, disse ele, lembremo-nos de que estamos ao serviço de Sua Majestade e do povo. Sebastião insinuou que melhor se poderia servir à coroa e à vila saindo pelos fundos e indo conversar com o juiz, mas toda a Câmara rejeitou essa proposta.

Logo, logo, o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala dos vereadores, e intimava à Câmara a sua queda. A Câmara não resistiu, entregou-se, e foi dali para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propuseram-lhe que ele assumisse o governo da vila, em nome de Sua Majestade. Porfirio aceitou o encargo, embora não desconhecesse (acrescentou) os espinhos que isso trazia. Disse ainda que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes, com o que eles prontamente concordaram. O barbeiro veio à janela e comunicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, aclamando o barbeiro. Este tomou a denominação de “Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo”. Expediram-se logo várias ordens importantes, comunicações oficiais do novo governo, uma exposição minuciosa ao vice-rei, com muitas promessas de obediência às ordens de Sua Majestade. Finalmente uma proclamação ao povo, curta, mas enérgica:

“Itaguaenses! Uma Câmara corrupta e violenta conspirava contra os interesses de Sua Majestade e do povo. A opinião pública tinha-a condenado; um punhado de cidadãos, fortemente apoiados pelos bravos soldados de Sua Majestade, acaba de a dissolver vergonhosamente, e, por unânime consenso da vila, foi-me confiado o mando supremo, até que Sua Majestade resolva ordenar o que parecer melhor ao seu real serviço. Itaguaenses! Não Vos peço apenas que me rodeeis de confiança, que me auxiliéis em restaurar a paz e a fazenda publica, tão desbaratada

pela Câmara que agora está em vossas mãos. Contai com o meu sacrifício, e ficai certos de que a coroa será por nós.

O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo, Porfírio Caetano das Neves”.

Toda a gente concluiu no absoluto silêncio desta proclamação acerca da Casa Verde; e, segundo uns, não podia haver mais vivo indício dos projetos tenebrosos do barbeiro. O perigo era tanto maior quanto que, no meio mesmo desses graves acontecimentos, o alienista colocara na Casa Verde umas sete ou oito pessoas, entre elas duas senhoras, sendo um dos homens parente do Protetor. Não era uma provocação, um ato intencional; mas todos o interpretaram dessa maneira. E a vila respirou com a esperança de que o alienista, dentro de vinte e quatro horas, estaria preso e destruído o terrível cárcere.

O dia acabou alegremente. Enquanto o homem da matraca ia recitando de esquina em esquina a proclamação, o povo espalhava-se nas ruas e jurava morrer em defesa do ilustre Porfírio. Poucos gritos contra a Casa Verde, prova de confiança na ação do governo. O barbeiro fez expedir um ato declarando feriado aquele dia, e realizou negociações com o vigário para a celebração de um *Te-Deum*, tão conveniente era aos olhos dele a reunião do poder temporal com o espiritual, mas o padre Lopes recusou abertamente o seu pedido.

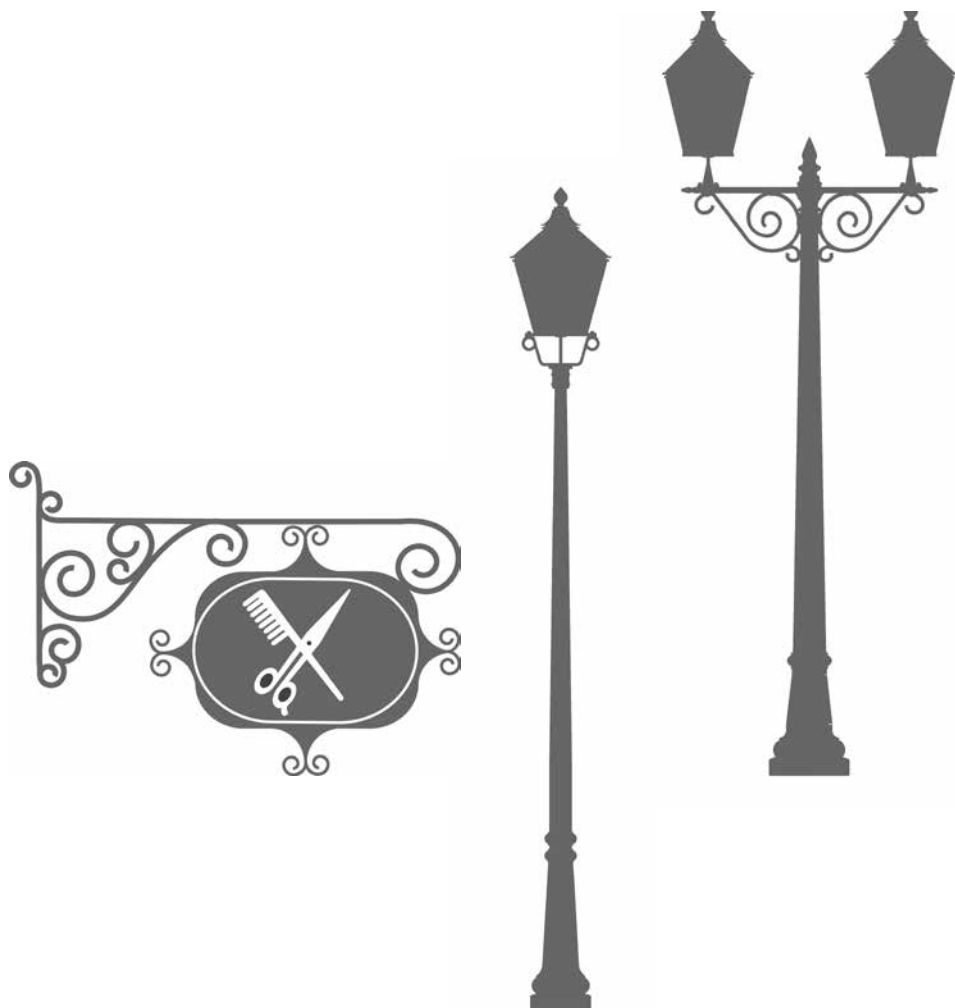
– Em todo caso, Vossa Reverendíssima não se alistará entre os inimigos do governo? Disse-lhe o barbeiro, dando à fisionomia um aspecto tenebroso.

Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

– Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?

O barbeiro sorriu. Era a pura verdade. Salvo o capitão, os vereadores e os principais da vila, todos o aplaudiam. Os mesmos

principais, se não o aplaudiam, não tinham saído contra ele. Nenhum dos fiscais deixou de vir receber as suas ordens. No geral, as famílias abençoavam o nome daquele que ia enfim libertar Itaguaí da Casa Verde e do terrível Simão Bacamarte.



CAPÍTULO 8



AS ANGÚSTIAS DO FARMACÊUTICO

Vinte e quatro horas depois dos acontecimentos narrados, o barbeiro saiu do Palácio do Governo – foi esta denominação dada à casa da Câmara – com dois ajudantes de ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Sabia que seria mais correto ao governo mandá-lo chamar. O receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do farmacêutico ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista. “Vai prendê-lo.” Pensou ele. E redobram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução ultrapassa a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em situação mais difícil: a intimidade com o alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o para aquele. Já a simples notícia da revolta tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque sabia da unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de

D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe gritava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída para tal crise senão adoecer. Declinou-se doente e meteu-se na cama.

– Lá vai o Porfírio com muita gente à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte, à cabeceira da cama.

– Vai prendê-lo. Pensou o farmacêutico.

Uma ideia traz outra; o farmacêutico imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo, na qualidade de cúmplice. Esta ideia foi o melhor dos medicamentos. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair. Apesar de todos os protestos da esposa, vestiu-se e saiu. Testemunhas afirmam que a certeza de que o marido ia se colocar nobremente ao lado do alienista consolou a esposa do farmacêutico. E observam com muita perspicácia o imenso poder moral que tem uma ilusão. Entretanto, o farmacêutico caminhou resolutamente ao Palácio do Governo, não à casa do alienista. Ali chegando, mostrou-se admirado de não ver o barbeiro, a quem ia apresentar a sua adesão, não o tendo feito antes por estar doente. Os altos funcionários que ouviam esta declaração, sabedores da intimidade do farmacêutico com o alienista, compreenderam toda a importância da adesão nova e trataram a Crispim Soares com grande carinho; afirmaram-lhe que o barbeiro não tardava chegar. Tinha ido à Casa Verde, tratar de negócio importante, mas não demorava. Deram-lhe cadeira, refrescos, elogios. Disseram-lhe que a causa do ilustre Porfírio era a de todos os patriotas, ao que o farmacêutico ia repetindo que sim, que nunca pensara outra coisa, que isso mesmo mandaria declarar a Sua Majestade.

CAPÍTULO 9



DOIS LINDOS CASOS

O alienista não se demorou em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir, e, portanto, estava prestes a obedecer. Só pedia uma coisa: que o não obrigasse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.

– Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro, depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções de vandalismo. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos dali estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com opiniões as questões científicas. Além disso, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da Câmara dissolvida. Entretanto, há de haver uma proposta intermediária que restitua o sossego ao espírito público.

O alienista mal podia dissimular o assombro. Confessou que esperava outra coisa, a demolição do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos...

– O espanto de Vossa Senhoria, interrompeu com seriedade o barbeiro, vem de não levar em conta a grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade que lhe dá neste caso indignação legítima, pode exigir do governo certo tipo de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe compete, não os deve praticar, ao menos integralmente. Essa é a nossa situação. A generosa revolução que ontem derrubou uma Câmara indigna e corrupta pediu em alto e bom som a demolição da Casa Verde. Mas, pode entrar na esfera do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, tem condições de discriminá-la, reconhecê-la? Também não. É matéria de ciência. Logo, em assunto tão delicado, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o apoio de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que, de certa maneira, seja dada ao povo alguma satisfação. Vamos nos unir, e o povo saberá obedecer. Uma das propostas aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outra, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles doentes que estiverem quase curados, assim como os maníacos leves etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade.

– Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito? Perguntou Simão Bacamarte, depois de uns três minutos.

O barbeiro ficou espantado com a pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.

– Onze mortos e vinte e cinco feridos! Repetiu duas ou três vezes o alienista.

E, em seguida, declarou que a proposta não lhe parecia boa, mas que ele ia procurar alguma outra, e dentro de poucos dias lhe daria resposta. E fez-lhe várias perguntas sobre os acontecimentos da véspera, ataque, defesa, adesão dos soldados, resistência da Câmara etc., ao que o barbeiro ia respondendo com

detalhes, insistindo principalmente no descrédito em que a Câmara caíra. O barbeiro confessou que o novo governo não tinha ainda por si a confiança dos notáveis da vila, mas o alienista podia fazer muito nesse ponto. O governo, concluiu o barbeiro, teria muito prazer em poder contar, se não já com a simpatia, pelo menos com a benevolência dos mais altos espíritos de Itaguaí, e, seguramente, do reino. Mas nada disso alterava a nobre e austera fisionomia daquele grande homem, que ouvia calado, sem orgulho nem modéstia, mas impassível como um deus de pedra.

– Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista depois de acompanhar o barbeiro até a porta. Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são evidentes. Quanto à tolice dos que o aclamaram, não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos.

– Dois lindos casos!

– Viva o ilustre Porfírio! Gritaram umas trinta pessoas que aguardavam o barbeiro à porta.

O alienista espiou pela janela e ainda ouviu este resto de uma pequena fala do barbeiro às trinta pessoas que o aclamavam:

– ... Porque eu defendo, podeis estar certos disso, eu defendo a execução das vontades do povo. Confiai em mim; e tudo se fará pela melhor maneira. Só vos recomendo ordem. E ordem, meus amigos, é a base do governo...

– Viva o ilustre Porfírio! Bradaram as trinta vozes, agitando os chapéus.

– Dois lindos casos! Murmurou o alienista.

CAPÍTULO 10



A RESTAURAÇÃO

Em cinco dias, o alienista encarcerou na Casa Verde cerca de cinquenta pessoas que apoiavam o novo governo. O povo indignou-se. O governo, assustado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava “vendido ao ouro de Simão Bacamarte”, frase que reuniu em torno de João Pina as pessoas mais decididas da vila. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da revolução, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos: um abolindo a Casa Verde; outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois, caía Porfírio, vergonhosamente! E João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, apressou-se em copiar e expedir, acrescentam os cronistas. Aliás,

subentende-se, só os nomes foram alterados, e, onde o outro barbeiro falara de uma Câmara corrupta, este falou de “um intruso contaminado pelas más doutrinas francesas e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade” etc.

Nisto, entrou na vila uma força enviada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio e de uns cinquenta e tantos indivíduos, que declarou loucos. E obteve a promessa de que lhe seriam entregues mais dezenove seguidores do barbeiro, que ainda estavam curando as feridas obtidas na primeira rebelião.

Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Obteve tudo o que quis. E uma das mais notáveis provas do poder do médico foi a prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e solicitou sua internação. A mesma coisa aconteceu ao farmacêutico. O alienista, desde que lhe falaram da momentânea adesão de Crispim Soares à rebelião dos Canjicas, comparou-a à aprovação que sempre recebera dele, ainda na véspera, e mandou também capturá-lo. Crispim Soares não negou o fato, mas explicou-o dizendo que ceder a um movimento de terror, ao ver a rebelião triunfante, e deu como prova a ausência de nenhum outro ato seu, acrescentando que voltara logo à cama, doente. Simão Bacamarte não o contrariou; disse, porém, que o terror é pai da loucura, e que o caso de Crispim Soares lhe parecia dos mais caracterizados.

Mas a prova mais evidente da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a Câmara lhe entregou o próprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado, em plena ses-

são, que não se contentava, para lavá-la da afronta dos Canjicas, com menos de trinta barris de sangue. Isso chegou aos ouvidos do alienista pela boca do secretário da Câmara, entusiasmado com tamanha energia. Simão Bacamarte começou por colocar o secretário na Casa Verde, e foi dali à Câmara, onde declarou que o presidente estava padecendo da “demência dos touros”, um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A Câmara a princípio hesitou, mas acabou cedendo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo enfiado na Casa Verde. Tudo era loucura. Os adeptos de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os que falavam mal dos outros, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na vaidade, um ou outro inspetor orgulhoso, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as apaixonadas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício.

Se um homem era avarento ou gastador, ia do mesmo modo para a Casa Verde. Daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas creem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com boa-fé, e citam como prova (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter obtido da Câmara um decreto autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue germânico. Dizem eles que o fim secreto dessa manobra foi enriquecer um ourives, seu amigo e compadre. Entretanto, embora seja certo que o ourives

viu prosperar seu negócio, depois da nova ordenação municipal, esse decreto também deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem leviandade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão que determinou a captura e aposentadoria na Casa Verde de todos quantos usaram o anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais aceitável é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito.

– Onde é que este homem vai parar? Diziam os principais da terra. Ah! Se nós tivéssemos apoiado os Canjicas...

Um dia de manhã – dia em que a Câmara devia dar um grande baile – a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora enviada para a Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção. E era a pura verdade. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

– Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com a paixão pelas sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos. Se eu lhe falava das antigas cortes, perguntava logo sobre a forma dos vestidos das damas. Se uma senhora a visitava na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima deve se lembrar, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da Matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha

escolhido, preparado, enfeitado a roupa que usaria no baile da Câmara Municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa.

– Que tem? Perguntei-lhe.

– Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito!

– Pois leve o de safira.

– Ah! Mas onde fica o de granada?

Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, experimentando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo.

O padre Lopes não se satisfaz com a resposta, mas não se opôs a nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de “mania ostentatória”, não incurável, e em todo caso digno de estudo.

– Espero colocá-la boa dentro de seis semanas, concluiu ele.

E o desapego do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra desde que ele não duvidou recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe, menos ainda o de atribuir-lhe propósitos alheios à ciência.

Era um grande homem austero, Hipócrates⁴ com ares de Catão⁵.

4 Médico e filósofo grego, considerado o pai da medicina.

5 Político romano célebre pela sua integridade moral.

CAPÍTULO 11



O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

– Todos?

– Todos.

– É impossível; alguns sim, mas todos...

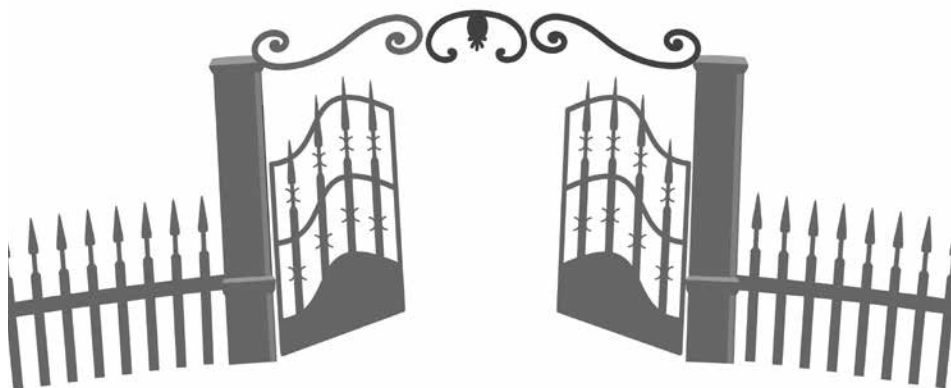
– Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara.

De fato, o alienista havia enviado um ofício à Câmara expondo: 1º, que verificara nas estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de

que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e, portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6º, que restituía à Câmara e aos particulares a soma da remuneração recebida para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa etc., o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde.

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias, músicas, houve de tudo para celebrar tão feliz acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito; mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas.

E vão assim as coisas humanas! No meio da alegria produzida pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do 4º parágrafo, uma frase cheia de experiências futuras.



CAPÍTULO 12



O FINAL DO PARÁGRAFO 4º

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Câmara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o próprio presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus lugares. O barbeiro Porfírio, ensinado pelos acontecimentos, tendo “provado tudo”, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não experimentou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder. Foi, é certo, processado; mas a população da vila implorou a clemência de Sua Majestade; daí o perdão. João Pina foi absolvido, levando-se em conta que ele derrubara um rebelde. Os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso ditado: “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”. Ditado imoral, é verdade, mas grandemente útil.

Não só findaram as queixas contra o alienista, como nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; crescendo

que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervoroso entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e ofereceram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera ideia de separar-se do marido e, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes.

Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do farmacêutico. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução e apreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

– É um grande homem, disse ele à mulher, lembrando aquela circunstância.

Não é preciso falar do seleiro, do Costa, do Coelho, do Martim Brito e outros, especialmente citados neste texto; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martim Brito, preso por um discurso em que louvara enfaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do ilustre médico, “cujo altíssimo gênio, elevando as asas muito acima do Sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra”.

– Agradeço as suas palavras, retorquiu-lhe o alienista, e ainda não me arrependo de o haver restituído à liberdade.

Entretanto, a Câmara que respondera ao ofício de Simão Bacamarte com a ressalva de que oportunamente elaboraria um decreto em relação ao final do parágrafo 4º, tratou enfim de legislar sobre ele. Foi adotada sem debate uma postura autori-

zando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da Câmara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a Câmara, antes mesmo daquele prazo, mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública. O vereador Freitas propôs também a declaração de que em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída no decreto, apesar das reclamações do vereador Galvão. O argumento principal deste magistrado é que a Câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei. A exceção era odiosa e ridícula. Mal proferira estas duas palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a audácia e insensatez do colega. Este, porém, ouviu-os e limitou-se a dizer que votava contra a exceção.

– A vereança, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial, nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a determinação da Câmara com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cuja objeção e cuja moderação na resposta dada às críticas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado, motivo pelo qual que rogava à Câmara que lhe entregasse. A Câmara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, analisou o pedido do

alienista, e votou unanimemente a favor da entrega.

Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente. O padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois do decreto e, a mulher do farmacêutico, quarenta dias. A reclusão desta senhora encheu o marido de indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte para lhe informar o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade. Apertou suas mãos, e recolheu-o à Casa Verde.

– Um caso destes é raro, disse ele à mulher espantada. Agora esperemos o nosso Crispim.

Crispim Soares entrou. A dor vencera a raiva, o farmacêutico não arrancou as orelhas ao alienista. Este consolou o seu favorito, assegurando-lhe que não era caso perdido: talvez a mulher tivesse alguma lesão cerebral; ia examiná-la com atenção; mas antes disso não podia deixá-la na rua. E era vantajoso reuni-los, porque a astúcia e velhacaria do marido poderiam de certo modo curar a beleza moral que ele descobrira na esposa, disse Simão Bacamarte:

– O senhor trabalhará durante o dia na farmácia, mas almoçará e jantará com sua mulher, e cá passará as noites, os domingos e dias santos.

A proposta colocou o pobre farmacêutico na situação do

asno de Buridan⁶. Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde. E nessa luta esteve algum tempo, até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitiria os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último lance de egoísmo covarde pareceu sublime ao alienista.

Passados cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral. Um dia, conseguiu internar na Casa Verde o juiz de fora. Entretanto, procedia com tanto escrúpulo que não o fez senão depois de estudar minuciosamente todos os seus atos, e interrogar os principais da vila. Mais de uma vez esteve prestes a recolher pessoas perfeitamente desequilibradas; foi o que se deu com um advogado, em quem reconheceu tal conjunto de qualidades morais e mentais que era perigoso deixá-lo na rua. Mandou prendê-lo. Entretanto, o agente, desconfiado, pediu-lhe para fazer uma experiência: foi ter com um compadre, envolvido em um caso de testamento falso, e deu-lhe como conselho que tomasse por advogado o Salustiano; este era o nome da pessoa em questão.

– Então parece-lhe...?

– Sem dúvida: vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e confie-lhe a causa.

O homem foi falar com o advogado, confessou ter falsificado o testamento, e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não

⁶ Asno imaginário que, segundo a filosofia de Buridan (séc. 14), tendo ao mesmo tempo fome e sede, hesita entre um molho de feno e um balde de água. Incapaz de se decidir, acaba morrendo.

se negou o advogado; estudou os papéis, conversou longamente, e provou que o testamento era indiscutivelmente mais que verdadeiro. A inocência do réu foi solenemente proclamada pelo juiz e a herança passou-lhe às mãos. O distinto jurisconsulto deveu a esta experiência a liberdade. Mas nada escapa a um espírito original e penetrante. Simão Bacamarte, que desde algum tempo notava o zelo, a inteligência, a paciência, a moderação daquele agente, reconheceu a habilidade e a sensatez com que ele realizara uma experiência tão melindrosa e complicada, e determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde. Deu-lhe, entretanto, um dos melhores cubículos.

Os alienados foram alojados por classes. Foi feita uma galeria de modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verdadeiros, outra de pessoas simples, outra de leais, outra de magnânimos, outra de espertos, outra de sinceros etc. Naturalmente, as famílias e os amigos dos reclusos reclamavam com veemência contra a teoria; alguns tentaram forçar a Câmara a cassar a licença. A Câmara, porém, não esquecera a linguagem do vereador Galvão, e, se cassasse a licença, ele estaria de volta e restituído ao seu lugar. Por isso recusou. Simão Bacamarte fez um ofício aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse ato de vingança pessoal.

Desenganados da legalidade, alguns principais da vila recorreram secretamente ao barbeiro Porfírio e garantiram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, se ele se pusesse à frente de outro movimento contra a Câmara e o alienista. O barbeiro respondeu-lhes que não; que a ambição o levara da primeira vez a transgredir as leis, mas que ele se arrependera, reconhecendo o erro próprio e a pouca consistência da opinião dos seus seguidores. Já que a Câmara entendera autorizar a nova ex-

periência do alienista por um ano, cabia ou esperar o fim do prazo ou requerer ao vice-rei, caso a mesma Câmara rejeitasse o pedido. Jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso.

– O que é que me está dizendo? Perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversa do barbeiro com os principais da vila.

Dois dias depois o barbeiro era recolhido à Casa Verde.

– Preso por ter cão, preso por não ter cão! Exclamou o infeliz.

Chegou o fim do prazo, a Câmara autorizou um prazo suplementar de seis meses para ensaio dos meios terapêuticos. O final deste episódio da história itaguaiense é de tal ordem e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição. Entretanto, contento-me com um, que será o arremate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana.



CAPÍTULO 13



PLUS ULTRA!

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas espantosas, que provocaram a mais viva admiração em Itaguaí.

Com efeito, era difícil imaginar sistema terapêutico mais racional. Estando os loucos divididos por categorias, segundo a perfeição moral que em cada um deles ultrapassava os outros, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto. E não ia logo às doses máximas: graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes, bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado. Em outros casos, a moléstia era mais rebelde. Recorria, então, aos anéis de brilhantes, às distinções honori-

ficas, etc. Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desistir da cura, quando teve a ideia de mandar correr matraca, para o fim de promovê-lo como um rival de Garção⁷ e de Píndaro⁸.

– Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.

Outro doente, também modesto, opôs a mesma rebeldia à medicação; mas, não sendo escritor (mal sabia assinar o nome), não era possível aplicar o remédio da matraca. Simão Bacamarte lembrou-se de pedir para ele o lugar de secretário da Academia dos Encobertos, estabelecida em Itaguaí. Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação real, por especial graça do finado Rei Dom João V, e incluíam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma. Entretanto, como o alienista não pedia isso como prêmio honorífico ou distinção legítima, mas somente como um meio terapêutico para um caso difícil, o governo cedeu à súplica excepcionalmente; e ainda foi necessário um extraordinário esforço do ministro da marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado. Foi outro santo remédio.

– Realmente, é admirável! Dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e envaidecida dos dois ex-dementes.

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Ou melhor, nem sempre era certo. Houve casos em que a qualidade predominante resistia a tudo.

Então, o alienista atacava outra parte, aplicando à tera-

7 Poeta português do séc. 18.

8 Poeta grego.

pêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro não pode conseguir.

No fim de cinco meses e meio, a Casa Verde estava vazia. Todos curados! O vereador Galvão, tão cruelmente vítima de moderação e imparcialidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento que poderia ter diferentes significados, e ele obteve uma boa interpretação corrompendo os juizes e enganando os outros herdeiros. A sinceridade do alienista manifestou-se nesse lance: confessou ingenuamente que não teve parte na cura. Foi a simples *vis medicatrix* da natureza. Não aconteceu o mesmo com o padre Lopes. Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta. O padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez. Depois de dois meses, possuía um livro e a liberdade. Quanto à senhora do farmacêutico, não ficou muito tempo na cela que lhe coube, e onde, aliás, lhe não faltaram carinhos.

– Por que é que o Crispim não vem visitar-me? Dizia ela todos os dias.

Respondiam-lhe ora uma coisa, ora outra. Afinal disseram-lhe a verdade inteira. A digna matrona não pôde conter a indignação e a vergonha. Nas explosões da cólera, deixava escapar expressões soltas e vagas, como estas:

– Tratante!... Velhaco!... Ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de unguentos falsificados e podres... Ah! Tratante!...

Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras, bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava, enfim, restituída ao perfeito equilíbrio das faculdades. Imediatamente lhe deu alta.

Agora, alguém imagina que o alienista ficou radiante ao ver

sair o último hóspede da Casa Verde, mostra com isso que ainda não conhece o nosso homem. *Plus ultra!* Era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não se contentava em ter estabelecido em Itaguaí. o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, pensativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

– “Vejamos, pensava ele: vejamos se chego, enfim, à verdade.”

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde brilhava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo robe de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com pompons de ouro (presente de uma universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas indagações quotidianas da ciência. Os pés, não eram nem delgados e femininos, nem graúdos nem grosseiros, mas proporcionados ao seu corpo e protegidos por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vejam a diferença: só mostrava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

Era assim que ele ia, o grande alienista, de uma ponta a outra da vasta biblioteca, enfiado em si mesmo, estranho a todas as coisas que não fosse o tenebroso problema da patologia cerebral. De repente, parou. Em pé, diante de uma janela, com o cotovelo esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou ele a si:

– Mas será que estariam eles doidos e foram curados por mim, ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?

E cavando ainda mais fundo, eis o resultado a que che-

gou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar eram desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo, eu não posso ter a pretensão de lhes ter incutido um sentimento ou uma faculdade nova. Uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado a esta conclusão, o ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento. A de gozo foi por ver que, depois de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, enorme luta com o povo, podia afirmar esta verdade: não havia loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só maluco. Mas tão depressa esta ideia lhe refrescara a alma, outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a ideia da dúvida. Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

A aflição do notável Simão Bacamarte é definida pelos cronistas itaguaienses como uma das mais medonhas tempestades morais jamais desabadas sobre o homem. Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijecem-se contra elas e fitam o trovão. Vinte minutos depois iluminou-se a fisionomia do alienista de uma suave claridade.

– Sim, há de ser isso, pensou ele.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto⁹. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão. Entretanto, sendo

9 O mesmo que doido.

homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

– Nenhum defeito?

– Nenhum, disse em coro a assembleia.

– Nenhum vício?

– Nada.

– Tudo perfeito?

– Tudo.

– Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.

A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

– Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que, aliás, todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: a modéstia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato continuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado. Nem súplicas, nem sugestões, nem lágrimas o detiveram um só instante.

– A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

– Simão! Simão! Meu amor! Dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao es-

tudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dezessete meses depois, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido entender nada. Alguns chegam ao ponto de admitir que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí. Mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato. E boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.



Livro e Leitura para Todos

O Alienista Machado de Assis

Produção

Carolina Andrade
Patrícia Engel Secco

Concepção

Ler é Fundamental Produções e Projetos

Coordenação

Secco Assessoria Empresarial

Projeto Gráfico e Edição

Carolina Andrade
Secco Assessoria Empresarial

Capa

Bruna Engel Secco

Imagens

Dreamstime

Texto facilitado para incentivo à leitura.

Tiragem: 300.000 Exemplares

Parte dos livros deste projeto será distribuída em parceria com o Senac e durante o FLIV, Festival de Literatura de Votuporanga, em ações relacionadas ao incentivo ao hábito da leitura.

Acesse a biblioteca digital Reciclick (www.reciclick.com.br) e leia livros gratuitamente.

2014

Distribuição Gratuita



Apoio



Realização

